

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA ATRAVÉS DO ESTUDO DOS RELATOS DE VIAGEM

Claércio Ivan Schneider¹

Schneider; C. I. A Construção da Identidade Brasileira Através do Estudo dos Relatos de Viagem. *Akrópolis*, 13(1): 49-50, 2005

RESUMO: Este texto tem como preocupação mapear a importância do estudo dos relatos de viagem para a compreensão de diferentes aspectos sócio-culturais do Brasil colonial. Atentar para especificidade desta fonte documental, problematizando suas especificidades enquanto gênero literário identificado como “literatura de informação” (cartas, tratados, diários, crônicas, depoimentos), permite lançar um olhar interrogativo sobre seus emissores e os discursos que atribuíram, direta ou indiretamente, referências fundadoras à colônia portuguesa na América. A narrativa da descoberta é o discurso sobre o nativo e sobre o próprio Brasil. Para tanto, torna-se imperativo atentar para algumas questões centrais para dialogar com este tipo de documentação: Quem são os viajantes? Qual a função dos cronistas no Novo Mundo? O que se pode interpretar a partir do estudo dos relatos de viagem? Como se pode empreender um trabalho de investigação histórica?

PALAVRAS-CHAVE: relatos de viagem; literatura; identidade

THE CONSTRUCTION OF THE BRAZILIAN IDENTITY THROUGH THE STUDY OF THE JOURNEY REPORTS

Schneider; C. I. The Construction of the Brazilian Identity Through the Study of the Journey Reports. *Akrópolis*, 13(1): 49-50, 2005

ABSTRACT: This text is concerning about mapping the importance of the study of the journey reports for the comprehension of different social cultural aspects from the Brazilian Colony. Attending to the specialty of this documental source and worrying about its specialties while literary gender identified as “information literature” (letters, treaties, diaries, chronics and statements) it allows us to launch an interrogative look over its sponsors and the speeches which direct or indirectly gave the founders references to the Portuguese Colony in America. The narrative of the discovery is a speech about the native and about Brazil itself. For that, it becomes imperative to give attention to some central questions to dialogue with this type of documents: Who are the travelers? What’s the columnists’ role of the new world? What can be interpreted from the study of the journey reports? How can a work of historical investigation be applied?

KEY WORDS: journeys report; literature; identity

Por cronistas entenda-se os jesuítas, os viajantes estrangeiros, os colonizadores e os naturalistas que produziram e reproduziram na Europa discursos que deram aos europeus uma idéia do que seria o Novo Mundo. Para efeito desse texto, que norteia a palestra da Semana Acadêmica de História, todos os relatos que deram à Europa uma visão do Novo Mundo através de uma experiência própria fazem parte dos livros de viagem.

Portanto, a eleição dos relatos de viagem como pretexto de acesso ao pensar a história colonial brasileira, permite-nos entendê-la como produtora de um inventário do social, como forma de interpretação do mundo, e simultaneamente, de difusão de outros padrões de sociabilidade. Embora a viagem seja tantas vezes apontada como uma prática científica (os cronistas buscaram produzir relatórios com informações sobre essas terras, detalhando os recursos minerais, a fauna, a flora e os aspectos exóticos e pitorescos de seus habitantes), ela expressa a sensibilidade dos sentidos e assinala o limite tênue entre o fato e a ficção na invenção do Brasil que a escrita promove.

Os cronistas foram os intérpretes que constituíram

uma nova consciência planetária a partir do mundo do imaginário e das representações do real, ou seja, da representação européia do mundo não europeu. Nesse ponto, a preocupação dos cronistas com a condição do civilizado e com a sua história é traço marcante em praticamente todos os seus registros. Pouco se percebe da tentativa de reconhecimento dos direitos dos outros povos, uma vez que o que está em jogo são os interesses coloniais (propriedade da terra, exploração do ouro, catequização etc.).

Portanto, o que se percebe *grosso modo* é que a narrativa produzida pelos cronistas é mais resultado da observação do que da interpretação histórica. A história, sim, aparece como formadora cultural da noção de superioridade/inferioridade. Estabelece-se a cultura da diferença, permeada pelas noções de inclusão/exclusão, pelo reconhecimento/discriminação. O jogo da diferença que resulta em racismo e eugenia, pode ser exemplificado no extermínio promovido por portugueses e espanhóis no Novo Mundo.

Não se pode negar, por outro lado, o papel crítico que tais registros inauguram para a interpretação da própria cultura européia. Nesse aspecto, a percepção de si e do outro é

¹ Professor Mestre do Colegiado de História da Unipar, *campus* Cascavel.

fator determinante para a construção discursiva da alteridade, ou seja, a interpretação do outro através de si mesmo.

O registro do Novo Mundo promove a invasão, na cultura européia, de um espaço e de um tempo novo, desestruturando antigas visões de mundo (renascimento), o que pressupõe a possibilidade de construção de novas hipóteses de valorização do mundo, bem como a configuração de um momento de reintegração no próprio espaço cultural e um momento de reinterpretação da própria cultura.

Evidencia-se, neste ponto, a criação de premissas para experimentar novas dimensões da operabilidade do mundo humano. Aparecem críticas à sociedade ocidental - “supervalorização do selvagem” (Léry) –, na esperança que o europeu alimentava de encontrar o acesso ao paraíso terrestre. Os relatos sobre a biodiversidade do Novo Mundo alimentam e dão suporte, também, ao aparecimento de teorias evolucionistas.

Tendo em vista as reflexões críticas acima apontadas, o trabalho de investigação histórica que leve em consideração a crônica enquanto fonte documental requer alguns cuidados, principalmente quando se busca fugir dos estereótipos e dos estigmas já consolidados pela historiografia que fez uso desse registro.

Dentre os inúmeros cuidados que podem ser apontados, o primeiro passo parece ser o de promoção de uma leitura dos textos coloniais do ponto de vista pós-colonial. Ou seja, perceber que nos discursos que buscaram dar uma visão positiva às ações dos colonizadores construíram-se noções pejorativas que ainda hoje servem como filtro de interpretação do Brasil a partir do uso de noções como a de colonialismo, de imperialismo e de europocentrismo. Parece que estamos fadados, historicamente, a sermos colônia dos países desenvolvidos.

Questionar este estigma produzido historicamente pela literatura informativa e, em grande medida, consolidado pela historiografia, requer que atentemos à crítica documental. Neste ponto, levar em consideração as condições de sua produção/elaboração; os problemas de comunicação devidos à língua; o tempo de permanência nos lugares visitados; da sua possibilidade de aceitação da sociedade local; as diferenças quanto a sua formação cultural, interesses específicos e preconceitos raciais ou nacionais; o juízo de valor proveniente de sua posição hierárquica; entre outros aspectos, constituem-se em preocupações metodológicas que devem ser consideradas, uma vez que ajudam a problematizar os autores destes registros. Além disso, há de se considerar que as observações dos viajantes poderiam ter sido influenciadas por diversas circunstâncias, tais como: o êxito ou o fracasso de seus objetivos na terra que visitavam; a hospitalidade encontrada; a bagagem cultural ou religiosa que possuíam. Ou seja, é fundamental perceber os relatos de viajantes como produtos de um contexto histórico. Resumindo, a crítica textual dos relatos de viajantes pressupõe a preocupação com a identificação das condições de produção dos mesmos, o contexto histórico, os contratos assumidos pelos autores, e a repercussão, uso e apropriações que eles tiveram junto ao público leitor.

Ainda em termos metodológicos, o exercício de interpretação e análise dos relatos de viajantes faz necessária a ampliação de técnicas, instrumentos e categorias de outras disciplinas, realizando, dessa forma, o encontro de disciplinas

como a literatura, a história, a antropologia, a etnografia, a geografia, a sociologia entre outras. Ou seja, ampliar os campos da história para a interpretação dos relatos de viagens como: história das idéias, análise de discursos, história das representações, história do imaginário;

Por tudo isso, a referência do estudo dos relatos de viagens para a interpretação da construção de uma identidade para o Brasil é de fundamental importância haja vista o fato de instituírem sentidos à história por meio do discurso que resulta de suas observações, descobertas e interesses. Ou seja, a identidade brasileira vai se formando através da interpretação da fala e do registro de outros: relatos de viagem. É da voz deles e daqueles que ouvem, lêem ou têm notícia de seus relatos que define, que produz referências de brasilidade.

O discurso colonialista, por exemplo, nos constrói como seu “outro” mas, ao mesmo tempo, nos apaga. Somos o “outro”, mas o outro “excluído”, sem semelhança interna. Eles (cronistas) nunca se colocam na posição do “outro”. Eles são o “centro” (europocentrismo). Esse discurso (colonialista) está tão arraigado entre nós que se constituiu numa marca de nascimento, que facilita as condições para que novas relações colonizador-colonizado se realizem e se perpetuem. Não é o discurso do Brasil que define o brasileiro, é o discurso sobre o Brasil. Ter sido colonizado deixa de ser uma marca para significar uma essência.

Referências

- NOVAES, A. (Org.). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PAZ, F. M. **Na poética da história**: a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba: UFPR, 1996.
- PRATT, M. L. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.
- SÜSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui**: o narrados, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VAINFAS, R. (Org.). **Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Recebido em: 07/10/04

Received on: 07/10/04

Aceito em: 10/11/04

Accepted on: 10/11/04